



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

CONGRESSO MUNDIAL

pelo desarmamento geral e a paz

Ficará na história como um grande acontecimento o Congresso que se realizou em Moscovo de 9 a 14 de Julho com a presença de 2.500 delegados, observadores e convidados, vindos de mais de cem países.

Nele se uniram os anseios de Paz de representantes de todas as raças, de destacadas personalidades dos meios políticos, sindicais, científicos, religiosos, etc., com diferentes ideologias e crenças.

Em parte alguma poderia esse Congresso de Paz encontrar melhor ambiente que no país dos Sovietes, onde todo o povo trabalha arduamente para construir o comunismo, e o comunismo é a Paz.

Mas no dia em que começou essa grande manifestação dos povos pela Paz, os imperialistas americanos fizeram, após dois malogros, rebeitar uma bomba nuclear a 200 milhas de altitude. A delegação dos Estados Unidos ao Congresso divulgou logo a seguir uma declaração em que afirmava: «Consideramos um dever sagrado condenar essa acção do nosso governo». Foi uma idêntica condenação que percorreu o mundo onde os protestos contra as experiências nucleares são cada vez mais potentes.

A posição da União Soviética em defesa da Paz Mundial e a sua acção para a conquista do desarmamento geral e completo foi exposta nessa importante assembleia de Paz pelo primeiro ministro soviético e primeiro secretário do P.C.U.S., camarada Nikita Kruchichov. «Todos os que querem viver devem lutar pelo desarmamento», afirmou Kruchichov, que disse igualmente que a luta pela Paz requer «acção, acção e mais acção».

Uma delegação portuguesa, de que faziam parte o ilustre professor Dr. António José Saraiva, o conhecido escritor Castro Soromenho e o jovem advogado Dr. Rui Cabeçadas divulgou no Congresso a acção do povo português em defesa da Paz e a situação concreta em que o povo vive sob o regime fascista de Salazar. No final da sua intervenção no Congresso o Dr. Rui Cabeçadas (continua na 2.ª pag.ª)

A grande luta dos operários agrícolas pela jornada das 8 horas fortalece-se e alarga-se

As grandes lutas travadas pelas 8 horas e por melhores jornadas fortaleceram a unidade e a combatividade do operariado agrícola. Onde esse horário foi conquistado, os trabalhadores defendem-no corajosamente contra as manobras dos agrários e a repressão. Mas a luta pelo horário das 8 horas estende-se a novas regiões.

Em Alvalade no dia 21 de Maio os trabalhadores reunidos na praça decidiram não trabalhar, senão pelas 8 horas. A GNR apareceu e prendeu 2 trabalhadores. Conhecidas as prisões, o povo juntou-se a exigir a imediata libertação dos presos, tendo-o conseguido. No dia seguinte, quando ao nascer do Sol uma camionete do agrário José Joaquim Fernandes vinha buscar o pessoal para o trabalho, algumas mulheres subiram para a camionete mas foram impedidas de seguir pelas muitas companheiras que lutavam corajosamente pelo novo horário. Assim foi conquistado pelos trabalhadores de Alvalade a jornada das 8 horas.

Na região de Beja foram já conquistadas as 8 horas e 40\$00. Em S. Matias os trabalhadores tiveram de recorrer à greve durante alguns dias e em Beleizão também. Em Beringel cerca de 200 trabalhadores que estavam em greve marcharam para a cidade de Beja tendo falado com as autoridades e conquistado as 8 horas e os 40\$00.

Em Ervidel os mesmos objectivos foram conquistados após 4 dias de greve. Em Messejana e em algumas herdades de Aljustrel também se conquistaram as 8 horas.

No dia 28 de Maio estendeu-se a muitas terras do Alto Alentejo a luta pelas 8 horas e melhores jornadas. Em Vendas Novas alguns ranchos mobilizaram os outros para a greve e houve choques com a GNR. Em Arraiolos também houve choques. Na região de Aviz, Benavila, Alcorrogo, etc. os trabalhadores estiveram em greve 4 dias. Em Ponte de Sôr, centenas de trabalhadores

concentrados na praça de jornas chocaram-se com a GNR e muito povo manifestou-se contra as forças repressivas. Em todas estas terras e regiões foram conquistadas as 8 horas.

Em Coruche vários ranchos puseram-se em greve exigindo as 8 horas. Como não fossem atendidos, grandes comissões levantaram os outros ranchos fazendo parar a moinda do arroz em toda a região. Milhares de trabalhadores estiveram em greve alguns dias. Os agrários reuniram com as autoridades e chamaram grandes reforços da GNR. Entretanto quer em Coruche, nos Foros da Fajarda, Santana, Benavente, etc., foram conquistadas as 8 horas.

A luta pelas 8 horas atingiu também a parte norte do distrito de Setúbal, desde o Montijo, Moita, Pínhãl Novo, até Palmela, Cabanas, Azelão, etc. Em Coima, na propriedade do fascista Mota uma centena de trabalhadores que recebiam 25\$00 (os homens) e 18\$00 (as mu-

lheres) quando nas folhas de férias eram registados 35 e 25\$00 respectivamente, puseram-se em greve nos fins de Maio. O patrão chamou a GNR do Barreiro e o tenente ameaçou os trabalhadores. Estes firmemente defenderam as suas reivindicações conseguindo o horário das 8 horas e o pagamento das jornas de acordo com o escritorado na folha de férias.

Também na Quinta da Malvasia, em Sacavém, a um rancho de gadoeiros contratados por 30\$00 e as 8 horas, o patrão quis impor o trabalho de sol a sol. Ninguém pegou no trabalho e o patrão teve de cumprir o contrato. O pessoal efectivo da quinta também conquistou já o horário das 8 horas.

Esta importante acção do operariado agrícola deve ser alargada a novas e novas regiões. Ao mesmo tempo é necessário fortalecer a unidade dos trabalhadores fazendo reuniões para discutir os seus problemas e organizando-os quer nas herdades, nas praças de jorna, nas localidades, nas regiões

Esta importante acção mostrou claramente que onde o operariado agrícola está unido e luta organizadamente e com firmeza pode conquistar as suas reivindicações.

NOVAS LUTAS DOS SOLDADOS

Entre a juventude portuguesa que é chamada para as forças armadas reina um vivo descontentamento provocado antes de mais pela vergonhosa guerra travada em Angola e outras colónias. Esse descontentamento que cada vez mais se expressa por actos de verdadeira revolta, surge a todo o momento e a pretexto do mau tratamento, da má alimentação, da continuação indefinida nas fileiras, etc.

Assim sucedeu na última semana de Junho no Batalhão de Telegrafistas (Lisboa). Os soldados da incorporação de 1960 que ainda permanecem na tropa concentraram-se na caserna e ameaçaram espancar os oficiais que lá aparecessem. Depois, fazendo uso da instalação sonora, convidaram repetidamente todos os soldados de 60 a comparecerem junto da «porta das armas». Cerca de 200 soldados fizeram a uma manifestação gritando o seu desejo de serem desmobilizados.

Os oficiais tentaram dispersá-los mas nada conseguiram. Em seguida tentaram convencer os soldados que estavam de guarda a irem eles dispersá-los mas os soldados recusaram-se a tal serviço.

Entretanto os soldados que se manifestavam telefonaram para os seus companheiros destacados em outras unidades para que tomassem a mesma atitude.

Após esta grande manifestação diz-se que o comando está tomando medidas para desmobilizar os soldados.

Também no quartel de Caçadores 5 (Lisboa) dois turnos de soldados recrutados (cerca de 300 jovens) fizeram um levantamento de rancho por causa da má qualidade da co-

mida, numa altura em que o quartel estava sendo visitado por oficiais espanhóis. Os oficiais armaram uma força de «praças velhas» para intimidar os recrutas mas os «praças velhas» abandonaram as armas.

No quartel de Infantaria 3 (Beja) a comida está sendo muito má e os protestos dos soldados são constantes. Pela mais pequena coisa os soldados são punidos com a prisão.

Em Estremoz, no quartel de Cavalaria 3 apareceram inscrições contra o regime de Salazar.

Soldados! Está cada vez mais claro para todos que a guerra que se trava em Angola é uma guerra injusta, condenada a retumbante derrota. Dezenas de milhares de angolanos, dum povo que luta pela liberdade, já foram mortos pelos colonialistas portugueses.

Muitos soldados portugueses têm encontrado a morte nesta vil tarefa. O salazarismo manda-vos para as colónias para matar e morrer!

Estreitai a vossa unidade, organizai-vos criando em todos os quartéis Juntas Patrióticas de Soldados que sejam capazes de mobilizar os vossos companheiros para lutas pelas vossas reivindicações, e em especial contra a guerra! Recusai-vos, em massa, a ir para as colónias!

FORA DAS LAGENS COM OS AMERICANOS!

Apresentamos o fim do acordo que entregou aos Estados Unidos a importante base das Lagens, nos Açores.

A cedência aos imperialistas americanos desse território nacional não representa somente um atentado à nossa independência que, por si só, desmascara o «patriotismo» do governo salazarista; a existência dessa base na posse dos Estados Unidos, que lhe serve para os seus fins belicistas de ataque à União Soviética, representa um tremendo perigo para o nosso país, pois o sujeito às justas represálias soviéticas.

Em virtude da política neo-colonialista dos Estados Unidos não ter apoiado algumas das atitudes salazaristas no que respeita às colónias, Salazar tem inventado a ideia de não continuar a cedência da base das Lagens. Tal ideia é absolutamente falsa. Salazar irá negociar de novo essa base em território nacional porque, mesmo levando alguns pontapés dos norte-americanos, é deles que principalmente recebe o auxílio para a sua política anti-nacional e colonialista.

A recente estadia em Lisboa do secretário de Estado norte-americano Dean Rusk teve particularmente este objectivo.

Nesse sentido, como em tantos outros, Salazar segue uma política anti-nacional. Ao nosso povo interessa exactamente a que dessa base nos Açores como de outras no continente sejam expulsos os imperialistas americanos. De esse modo defendemos a nossa independência e contribuímos para a defesa da Paz.

Importa que, vencendo a repressão salazarista que impede que o povo manifeste os seus sentimentos e as suas opiniões, se faça ouvir por todo o país.

FORA OS IMPERIALISTAS NORTE-AMERICANOS DAS BASES MILITARES! NÃO QUEREMOS QUE SE REMOVA A CEDÊNCIA DA BASE DAS LAGENS! FORA NAS NOSSAS NUCLEARES! QUEREMOS A INDEPENDÊNCIA NACIONAL E A PAZ!

A Construção do Comunismo na U. R. S. S.

Tal como vimos já em relação à indústria, também em relação à agricultura a União Soviética se propõe até 1980 dar um salto extraordinário na sua produção.

As principais tarefas que na agricultura o povo soviético tem de cumprir são:

- o aumento da produção agrícola de modo a atingir a abundância dos géneros alimentícios de muito boa qualidade para o povo e das matérias primas para a indústria.
- a passagem gradual da aldeia soviética às relações sociais comunistas, na base dum grande desenvolvimento das forças produtivas da agricultura, eliminando no essencial as diferenças económicas, sociais e culturais entre a cidade e o campo.

Para atingir em 1980 uma produção total da agricultura 3 vezes e meia superior à de 1960, o Programa do P.C.U.S. salienta em especial a necessidade de alcançar um grande progresso na produção dos cereais, na criação do gado, na produtividade do trabalho, na mecanização e electrificação da agricultura e na técnica e na ciência agrícola.

Do Relatório sobre o Programa do P.C.U.S., apresentado por Nikita Kruchitchev ao XXII Congresso retiramos o seguinte quadro sobre algumas das mais importantes produções agrícolas.

Produção agrícola de 1960 a 1980

| | 1960 | 1970 | 1980 |
|---|------|------|-----------|
| Cereais (bilhões de puds) (um pud = 16,38 kg) | 8,2 | 14 | 18-19 |
| Carne (milhões de ton., peso de abate) | 8,7 | 25 | 30-32 |
| Leite (milhões de toneladas) | 61,7 | 135 | 170-180 |
| Ovos (bilhões) | 27,4 | 68 | 110-116 |
| Lã (milhares de toneladas) | 357 | 800 | 1045-1155 |
| Algodão bruto (milhões de toneladas) | 4,3 | 8 | 10-11 |
| Beterraba açucareira (industrial, milhões de toneladas) | 57,7 | 86 | 98-108 |
| Grãos oleaginosos (milhões de toneladas) | 4,3 | 8 | 9-10 |
| Batatas (milhões de toneladas) | 84,4 | 140 | 156 |
| Legumes e cucurbitáceas (milhões de ton.) | 19,2 | 47 | 55 |
| Frutos, compreendendo bagas e uvas (milhões de toneladas) | 4,9 | 28 | 58 |

Este desenvolvimento extraordinário na produção agrícola está assente num estudo concreto das possibilidades soviéticas. É na base deste impetuoso desenvolvimento que o trabalho agrícola se tornará uma variedade do trabalho industrial.

O paraíso de Salazar

As courelas de Vieira de Leiria

Foi um dia de «grande festa». Veio o governador civil, o presidente da Junta de Colonização Interna, muitas autoridades civis, militares e religiosas e até o secretário de Estado de Agricultura.

Houve discursos. O Estado Novo foi muito exaltado. «Que seria do povo se não fosse o Estado Novo», diziam os discursadores. Uns elogiaram os outros. Estes agradeceram... e retribuíram. Um verdadeiro acto solene salazarista. De que se tratava? Simplesmente de passar a considerar oficialmente um grupo de operários de Vieira como proprietários de umas pequenas courelas que há cem anos foram arrendadas aos seus avós e três gerações tinham transformado de terreno bravo em terra de cultura. E foi esta festa, em que se pôs bem a claro a vida de sofrimento e dificuldades dos operários portugueses, que constituiu uma «grande jornada social»!

Interesses «sagrados»

De Janeiro a Junho do ano passado saíram de Angola para Inglaterra 400 mil contos de diamantes destinados ao monopólio internacional De Beer's. Recentemente, a Companhia do Caminho de Ferro de Benguela anunciou que os seus lucros em 1961 subiram a 220 mil contos, ou seja um terço do capital; a Tanganyika Concessions, que dispõe de 90% das acções desta Companhia, embolsou mais de 74 mil contos de dividendos. E há ainda o algodão, o açúcar, o café, o cobre, o ferro, o sisal, etc. ...

Isto explica porque razão os soldados portugueses continuam a ser lançados contra as aldeias angolanas: é que os interesses em jogo são «sagrados».

Anti-colonialistas ferrenhos...

No jornal do Porto «O Primeiro de Janeiro», ao receberem-se, certo dia, as provas vindas da censura, verificou-se com espanto que o censor tinha cortado a palavra COLÓNIA dum artigo que se referia à «colónia inglesa do Porto», e escrevera para a substituir a palavra PROVÍNCIA. Pensou-se que no jornal não deixassem que o artigo saísse tal como fora censurado para todos verem a que ponto chega o anti-colonialismo salazarista...

MANIFESTAÇÕES DOS ESTUDANTES EM LISBOA

No dia 20 de Junho, fortes grupos de estudantes dirigiram-se para o Aljube a reclamar a libertação do seu colega Eurico Figueiredo. Como a polícia que ocupava todo o bairro os obrigasse a dispersar, os jovens seguiram para a Baixa onde organizaram uma vibrante manifestação arrastando o povo à sua pas-

sagem. Muitas centenas de manifestantes atravessaram a Baixa aos gritos de «Liberdade! Autonomia!» e subiram o Chiado, interrompendo o trânsito e chocando-se com a polícia.

No dia 28 nova manifestação se registou em Alfama, onde se concentraram uns 250 estudantes gritando estribilhos académicos e entrando em choque com a polícia que carregou brutalmente e fez diversas prisões.

A jornada de 28 de Maio

Como já noticiámos no último número do «Avante!», no dia 28 de Maio o Povo manifestou-se em vários pontos do País contra a ditadura. Destas acções, destaca-se a grande manifestação de Setúbal, em que participaram não centenas como dissemos no último número, mas milhares de pessoas que durante muitas horas conquistaram as ruas da cidade, enfrentando a polícia à pedrada e gritando: «Viva a Liberdade! Amnistia! Abaixo Salazar!» Na cidade reclama-se actualmente a libertação dos 70 manifestantes presos.

Também em Alpiarça se registou nova greve dos operários agrícolas e de grande parte dos operários industriais, apesar de nas ruas da vila se terem concentrado forças da G. N. R. de Alpiarça e Santarém que ameaçavam e insultavam os trabalhadores.

No Barreiro, onde muitos trabalhadores se apresentaram de luto, houve paralisação do trabalho por cinco minutos em diversas secções do CUF.

Em resultado destas manifestações, os estudantes conseguiram a libertação de Eurico Figueiredo, que era uma das suas reivindicações imediatas. Este êxito parcial deve animar os estudantes a prosseguirem na linha de acção aprovada na última assembleia plenária realizada em 14 de Junho no I. S. Técnico. O fim da greve académica que já durava há mais de dois meses não significa que a luta tenha terminado: ela prossegue por outras formas, tendo em vista manter a unidade dos estudantes em torno das suas reivindicações.

Actuando unidos e com energia os estudantes conseguirão a anulação rápida das ilegais sanções disciplinares aplicadas a dezenas de colegas seus, abrindo assim o caminho para fazer triunfar as restantes reivindicações: reabertura das associações académicas e revogação do decreto 40.980.

Entretanto, novos exemplos de solidariedade foram dados pelos intelectuais portugueses: a concentração no ISCEF dos licenciados e professores de Económicas, que depois fizeram entrega de um texto com 133 assinaturas; o telegrama que 187 engenheiros enviaram à Presidência da República; a firme posição de 70 escritores e jornalistas que condenam numa exposição a repressão sobre os estudantes; etc.

Com a solidariedade de todos os sectores da população e com o apoio que lhes chega de todos os pontos do mundo, fortalecidos pela justiça da sua luta e pela sua unidade, os estudantes triunfarão contra as arbitrariedades fascistas.

PORTUGAL E O MERCADO COMUM

O recente pedido do governo de Salazar para negociar com o Mercado Comum a sua entrada para esta organização constitui um passo mais para uma maior dependência económica e política em relação aos grandes senhores da Comunidade Económica Europeia (nome oficial do chamado Mercado Comum Europeu) — os revanchistas da Alemanha Ocidental.

O CONGRESSO MUNDIAL pelo desarmamento e a paz

(continuação da 1.ª pág.) abraçou um dos delegados das colónias portuguesas (estavam presentes representantes de Angola, Moçambique e Guiné).

No final do Congresso foi aprovada uma MENSAGEM AOS POVOS DO MUNDO na qual se exorta todos os homens a defender incansavelmente a Paz e a lutar pelo Desarmamento. O grito: «É HORA DE ACTUAR», transmitida por essa Mensagem, está percorrendo o mundo.

Também no nosso país tal grito ressoa. Aos partidários da Paz mais esclarecidos e combativos cabe divulgar as conclusões do Congresso, cabe unir e organizar a grande massa dos portugueses numa acção constante e de força crescente em defesa da Paz e pelo Desarmamento.

Rádio Portugal Livre

Transmite diariamente das 15,10 às 15,40 e das 22,15 às 22,45 em ondas curtas de 26, 31 e 32 m. e 26 metros respectivamente.

MOSCOVO: Diariamente, em português, das 17,30 às 18 e das 20,30 às 21 horas pelas ondas de 16,19,31 e 19, 25, 31 e 41 m. respectivamente.

PRAGA: Diariamente, em português, das 20 às 20,30 h. e das 24,30 à 1 h. em 16,19 e 25 metros; e em ondas médias, em 233 metros.

Ao povo de Lisboa

Levando por diante o aumento dos bilhetes dos transportes, a Carris e o governo procuraram demagogicamente paralisar o movimento de protesto da população, com as novas carreiras operárias.

É necessário que esta ofensiva monopolista encontre a resistência do Povo de Lisboa; a carestia não pára e se não houver uma resistência organizada novos aumentos se seguirão.

Organizemos exposições e concentrações na Câmara e na Carris contra o aumento dos bilhetes. Preparemos acções de protesto de todo o povo de Lisboa!

Com este número do «Avante!» sai um suplemento de rubricas no valor de 191.663\$20

UM NOVO CRIME



ANTÓNIO GRACIANO ADÂNGIO, de Aljustrel, assassinado no dia 28 de Abril nas ruas desta vila por uma rajada de metralhadora disparada pelo sargento Cavaco da GNR, durante um selvático ataque em que foi também morto o mineiro Francisco Madeira e ficaram feridos dezenas de homens, mulheres e crianças.

António Adângio era um jovem de 27 anos que trabalhava como mineiro na mina da Serra, perto de Aljustrel. Era membro do Partido e muito estimado entre os seus companheiros de trabalho.



OPERÁRIOS! FAÇAMOS REUNIÕES PARA DISCUTIR OS NOSSOS PROBLEMAS

Organizemo-nos e lutemos!

Recorrendo às grandes concentrações junto do patronato e nos sindicatos, apresentando-se todos unidos como um só homem, actuando com decisão e firmeza, os trabalhadores estão a impôr com frequência as suas reivindicações. Hoje existem condições para que a luta por aumentos de salários se estenda de norte a sul do país e se transforme numa verdadeira campanha de luta operária contra a exploração, preparando o desencadeamento de novas lutas políticas.

Os corticeiros lutam por maiores salários

Os corticeiros continuam desmascarando a mentira do novo contrato. De vários lados chegaram-nos protestos dos que no fim de contas passaram a ganhar menos. Na verdade, ganhando já salários superiores aos mínimos só vêm aumentar agora os descontos, porque incidem sobre salários mínimos mais elevados.

A única vantagem do contrato foi um pequeno aumento nos dias de férias, que agora passaram a ser de 6 dias, para os que têm de 1 a 3 anos de trabalho, 9 dias para os de 3 a 6 anos e 12 dias para os que têm mais de 6 anos. Mas em relação a esta vantagem há muitos patrões que a «desconhecem».

Na Cova da Piedade alguns corticeiros foram ao sindicato para af

defenderem os seus interesses. Quem os recebeu foi o empregado que procurou intimidá-los. Foram também protestar junto do I.N.T.P.

No Barreiro na fábrica do «Alemao», o patrão disse que encerrava a fábrica. Os operários foram ao Sindicato protestar e, embora a GNR tivesse aparecido para os intimidar, fizeram uma concentração na empresa e daí partiram para o centro do Barreiro. Depois destas acções o patrão anunciou que voltava a laborar.

Em Sines os operários de algumas secções da fábrica «Socor» decidiram, numa reunião, ir ao sindicato protestar contra o despedimento de algumas operárias e a ameaça do encerramento da fábrica. Assim fizeram, tendo conseguido que o patrão fosse obrigado a pagar os dias em que os operários estiveram sem trabalho e a garantir 4 dias de trabalho por semana.

Operários corticeiros! Uni-vos e realizai reuniões para discutir as vossas aspirações e assentar na acção a emprender. Organizai-vos formando comissões por fábrica, por localidade e por região. Em frente pela conquista dum aumento geral de salários, pela conquista da semana de 44 horas, etc.

Os metalúrgicos conquistam aumentos de salários

Os operários metalúrgicos continuam a alargar o aumento de salários para outras empresas.

Na Companhia Nacional de Navegação cerca de 500 operários concentraram-se na gerência em 27 de Abril para reclamar aumento de salário. Como os patrões não os atendessem e mandassem prender 1 operário, no dia 11 de Maio reali-

zou-se nova concentração e os trabalhadores obtiveram uma boa vitória, conquistando 8500 de aumento e a libertação do companheiro.

Na Companhia Colonial de Navegação e no «Grémio» (Almada) também foi conquistado o aumento de 8500.

É necessário estender muito mais a luta da classe metalúrgica.

OUTRAS ACÇÕES DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

NA CEIFA — No Alto Aentejo, dum modo geral, ao mesmo tempo que se conquistou o horário das 8 horas de trabalho conquistou-se a jorna de 40\$00. Entretanto na zona de Avis a jorna é só de 36\$00. Mas em Montargil há jornas de 50\$00 e em Vendas Novas e Pegões jornas de 45\$00.

No Baixo Aentejo, em muitos lados, também a jorna é de 40\$00. Na margem esquerda do Guadiana, onde ainda não foram conquistadas as 8 horas, a jorna é mais baixa: 30, 35 e 38\$00, embora em Aldeia Nova e Vale de Vargo haja jornas de 40 e 45\$00 nos pequenos proprietários e rendeiros.

Em Rio de Moinhos como 80 ceifeiros estivessem sem trabalho, trabalhando as máquinas, foi eleita uma comissão de 20 homens que foi a Aljustrel falar ao tenente da G.N.R. À tarde houve uma reunião de lavradores como presidente da Câmara, o tenente e três trabalhadores escolhidos pela Comissão dos 20. Um agrário garantiu trabalho para os 20 mas os 3 trabalhadores que estavam na reunião afirmaram que representavam 80 desempregados e assim conseguiram trabalho para todos.

GREVE EM ALMEIRIM — No dia 9 de Junho, ao terminar a semana, os trabalhadores que trabalhavam para o agrário Prudência exigiram 5\$00 por hora para a semana seguinte. O agrário disse que, depois de falar com outro, daria a resposta a 11, mas neste dia nem sequer apareceu. Então os trabalhadores decidiram, com o apoio maciço do operariado agrícola da

terra, irem para a GREVE. Concentrando-se junto da ponte com as suas ferramentas não deixaram que ninguém fosse trabalhar.

Passado pouco tempo apareceu uma força da GNR de Santarém que, com as espingardas apontadas e os metralhadores, queria obrigar os trabalhadores a dispersarem. A certa altura os guardas estavam cercados pelos trabalhadores que lhes diziam para terem calma porque simplesmente desejavam uma melhor jorna e as famílias deles também poderiam estar a lutar em outros lados com o mesmo objectivo.

O presidente da Câmara apareceu então armado em «apaziguador» e ele, que tinha provavelmente chamado a GNR, pediu agora para que ela se fosse embora, tudo isto para enganar os trabalhadores.

Na verdade, estes, a pedido do presidente da Câmara, foram trabalhar no dia seguinte pelo mesmo preço, 35\$00, embora com a promessa de ganharem na outra semana a 45\$00.

Operários agrícolas de Almeirim! A vossa unidade é fundamental para poderdes lutar com êxito pelas vossas justas aspirações. Mas é necessário também desmascarar as manobras do presidente da Câmara e firmemente reclamar o que pretendes.

Quer no Aentejo, quer no Ribatejo, começa um período de grande desemprego. É necessário que, bem unidos e organizados, os operários agrícolas, que bem recentemente travaram grandes batalhas pelas suas reivindicações, lutem firmemente contra o desemprego, por Trabalho ou Pão!

OUTRAS LUTAS

NO ABEL PEREIRA DA PONSECA (Lisboa) os operários vinham de há meses lutando contra o pagamento de 10 em 10 dias estabelecido pela gerência, pois eram roubados a pretexto dos «arredondamentos» nos salários. Como uma exposição que enviaram com 400 assinaturas não fosse atendida, no dia 3 de Maio, todo o pessoal, homens e mulheres, recusou-se a receber a fêria, gritando «Queremos receber à semana como dantes!» e fazendo fugir o pagador aterrorizado pelas ameaças do armazém. No dia seguinte, os operários foram chamados à gerência para lhes ser comunicado que voltavam a receber à semana e que fora anulado o desconto duns abonos que tinham a pagar.

NA SOCIEDADE NACIONAL DE SABÕES (Lisboa) os operários entregaram na gerência em fins de Abril uma carta com mais de 400 assinaturas reclamando aumento de salários. A resposta do patrão, o tubarão Beirão da Veiga, foi distribuir em 19 de Junho um inquérito para o pessoal dizer se quer perder algumas regalias para passar e receber o seu valor no salário... Indignados, 60 operários dirigiram-se imediatamente à gerência para protestar contra esta canalhice e o patrão teve de garantir-lhes que não retiraria as regalias e que daria o aumento, o que até agora não fez.

Nos SERVIÇOS DE TRANSPORTES COLECTIVOS DO PORTO continua a luta por aumento de salários. No dia 10 de Maio realizou-se nova concentração no sindicato, desta vez de 700 trabalhadores que exigiram a presença da comissão administrativa e a convocação duma assembleia geral para discutir o projecto do novo contrato colectivo de trabalho.

Na FÁBRICA DE FERMENTOS HOLANDESES (Lisboa) a gerência respondeu às reclamações do pessoal com um aumento de 3 escudos que não satisfiz ninguém. Foi feita uma exposição imediatamente assinada por todos os operários em que se reclamava novo aumento.

Na SIPE (Carcavelos), depois dos moldadores terem exigido e conseguido o pagamento dos prémios de produção, os 70 serralheiros recusaram-se a fazer mais horas extraordinárias enquanto não lhes fossem pagas as que estão em atraso. Os patrões tiveram que ceder mas despediram como represália cinco operários, pelo que existe grande descontentamento na empresa.

Em SINES dezenas de OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL reuniram-se para discutir a sua situação. Dados os baixos salários que ganhavam: sarventes 25\$00, pedreiros 45\$00 e carpinteiros 50\$00, decidiram pedir respectivamente 30, 50 e 60\$00. Em virtude da sua unidade e firmeza conquistaram esses salários.

A acção sindical REFORÇA A UNIDADE E A LUTA DOS TRABALHADORES

Os trabalhadores dos carros eléctricos do Porto, os operários da Companhia dos Telefones, os corticeiros, os têxteis e muitas outras classes profissionais têm realizado nos últimos meses grandes concentrações nos sindicatos em apoio das suas reivindicações.

Estas experiências e os êxitos conseguidos demonstram o erro daqueles trabalhadores anti-fascistas que supõem que a luta sindical perdeu já o valor por estarmos a atravessar um período de grandes lutas políticas. A importância política da luta sindical não só não diminuiu como se torna cada vez maior à medida que se travam lutas mais decisivas contra o fascismo. Utilizando os sindicatos fascistas e conquistando aí fortes posições podem os trabalhadores de vanguarda arrastar a massa dos seus companheiros a grandes lutas contra o fascismo.

Se é verdade que dentro dos Sindicatos Nacionais estão inimigos da classe operária (os rafeiros do patronato e da PIDE metidos em muitas direcções e nas comissões administrativas), é certo que uma acção ampla e unida dos trabalhadores pode combater as suas manobras e provocações.

A classe operária precisa de se lançar em grandes lutas económicas e políticas contra a ditadura de Salazar: esta é a maior exigência actual do movimento anti-fascista. Mas para arrastar às concentrações, às manifestações de rua, às paralizações e greves dezenas e centenas de milhares de operários, é preciso que se faça um trabalho em profundidade, que se desperte a consciência de classe de todos os trabalhadores dentro de cada fábrica e cada empresa; e isso não se conseguirá sem a ajuda da luta sindical, que tem condições para interessar a massa dos trabalhadores na de-

fesa activa dos seus interesses e direitos mais imediatos.

No princípio do próximo ano haverá eleições na maioria dos sindicatos. Será uma ocasião para a classe operária dar um grande passo em frente na actividade sindical, concorrendo em massa às assembleias, expulsando as direcções impostas pelo governo e fazendo eleger direcções formadas por trabalhadores honestos. Os milhares de trabalhadores que nos últimos meses intervieram nas assembleias gerais dos sindicatos dos têxteis do Porto e da Covilhã, do pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa, dos Operários Químicos de Lisboa, dos empregados de Seguros de Lisboa, etc, viram mais uma vez pela sua experiência que é possível desmascarar as arbitrariedades e os roubos dos lacaios do I.N.T. e mesmo fazer eleger verdadeiras direcções para os sindicatos. A conquista de direcções honestas só por si não basta, mas ela permite que se desenvolva uma acção sindical diária, permanente, muito mais ampla, em apoio da luta reivindicativa.

Uma importante tarefa que se coloca actualmente a todos os trabalhadores conscientes é levar aos sindicatos a massa dos seus companheiros, interessando-os na defesa dos seus problemas e reivindicações. Isso torna possível um grande movimento em torno das eleições sindicais de princípios do próximo ano e o desencadeamento da luta sindical em maior escala, por todo o País.

Formemos nas fábricas e empresas comissões sindicais que orientem a luta dos trabalhadores nos seus sindicatos! Organizemos concentrações nos sindicatos para a defesa das reivindicações dos trabalhadores! Preparemos a apresentação de listas para as próximas eleições sindicais!

OS PRESOS POLITICOS precisam da nossa ajuda!

O que está a passar-se com os presos políticos revolta todas as pessoas com sentimentos humanos, é um sinal de alarme para que se intensifique urgentemente a acção contra os crimes do governo de Salazar.

Ao Forte de Caxias chegam constantemente as carrinhas da PIDE com presos vindos dos interrogatórios num estado lastimável, com paralisias dos membros devido a pancadas, apresentando os olhos e a cara negros, alguns parecendo entrevados; estes homens são metidos a monte nas furnas e casamatas onde dormem sobre palha. Também as mulheres não escapam à ferocidade da PIDE: Maria Galveias, do Couço, depois de ter estado onze dias na PIDE em tortura do sono e sofrendo espancamentos constantes, apareceu na cadeia com marcas negras por todo o corpo, sem se poder mexer nem comer. O mesmo aconteceu a Olímpia Brás e a outras mulheres do Couço que foram torturadas e espancadas por mulheres-

pides. As operárias do Barreiro, Vitória, Domingas e Rosete, recentemente libertadas, sofreram também muitos espancamentos.

Entre as mulheres-pides que espancam as presas têm-se destacado duas: Madalena e Odete.

A grande maioria dos patriotas presos nas últimas manifestações,

têm sido totalmente cortadas as visitas da família, para a PIDE mais à vontade os poder submeter a torturas e espancamentos. Ao mesmo tempo, para tentar abafar os protestos dos presos, os carcereiros estabelecem na cadeia um ambiente de provocação, intimidação e castigos constantes.

Um apelo dos presos de Caxias

Num apelo que saiu em Maio clandestinamente da fortaleza de Caxias, os presos relatam os casos de torturas e espancamentos diários a que são submetidos na PIDE e dentro da própria cadeia e chamam a atenção para o estado de saúde de Cândida Ventura, com um grave esgotamento cerebral e que já perdeu 12 quilos; Luísa Paula, de 64 anos e em risco de vida se não for hospitalizada; António Ramalho, Bichirão e uma mulher de Alhandra sofrendo de perturbações nervosas e mentais; etc.

E o apelo conclui: «É no sentido de se impedir a continuação e a prática destes cruéis e desumanos métodos repressivos que nós, homens e mulheres presos na cadeia de Caxias por lutar em defesa da Paz, da Democracia e da Independência Nacional, dirigimos este apelo ao coração e à consciência dos portugueses e portuguesas de boa vontade, seja qual for a sua tendência ou ideologia. No mesmo sentido nos dirigimos também à Humanidade progressista».

«Fazêmo-lo não só em nosso nome, mas também no daqueles patriotas que pelos mesmos motivos se

encontram nas prisões privadas da PIDE, do Aljube de Lisboa, na Fortaleza de Peniche, e noutras cadeias às ordens da PIDE, Penitenciária, etc.»

«Para todos apelamos no sentido de se impedir a continuação dos espancamentos, torturas e assassinatos da PIDE; para que sejam revogadas as medidas de segurança ao abrigo das quais os presos são mantidos indefinidamente nas cadeias depois de terminadas as penas e para que seja promulgada uma ampla amnistia que abranja não só os patriotas presos, mas também os emigrados políticos no estrangeiro e para que possam voltar aos seus empregos e cargos as pessoas que deles foram afastadas por motivos políticos.»

CONFERÊNCIA EUROPEIA pela Amnistia em Portugal

▲ proxima-se a data em que se iniciará em Paris esta grande iniciativa de solidariedade ao povo português em luta. É urgente que por todos os meios alarguemos o movimento Pró-Amnistia em todo o País! Criemos comissões de apoio à Conferência, divulguemos elementos sobre a repressão em Portugal, enviemos saudações e cartas!

O DR. ARLINDO VICENTE EM LIBERDADE!

Finalmente no dia 13 de Julho saiu em liberdade o ilustre advogado e destacada personalidade política do nosso país, Dr. Arlindo Vicente, candidato à Presidência da República em 1958.

A sua arbitrária prisão em Setembro de 1961 (juntamente com outros democratas) teve como objectivo impedir a sua participação no período eleitoral que se aproximava. A longa prisão, o tratamento brutal que sofreu nas cadeias da PIDE onde esteve doente e impossibilitado de se tratar, os consecutivos processos que lhe foram movidos e finalmente o julgamento no plenário, tudo isso não é mais que o produto duma vil perseguição ao insigne democrata.

Se a pena a que o tristemente famoso juiz Caldeira e os seus acólitos o ouseram condenar foi suspensa, isso deve-se ao prestígio da figura do Dr. Arlindo Vicente e à luta que foi travada no nosso país e no estrangeiro pela sua libertação. O desmascaramento do iníquo processo que lhe foi feito pela PIDE trouxe a Lisboa advogados estrangeiros e mesmo uma deputada inglesa que puderam apreciar a «justiça» salazarista.

A libertação do Dr. Arlindo Vicente a que foi forçado o salazarismo deve levantar ainda mais a acção de todos os portugueses de coração em defesa dos que sofrem nas masmorras da PIDE.

Ferreira Soares foi assassinado há 20 anos

O médico Dr. António Ferreira Soares, membro do Comité Regional do Porto do Partido Comunista Português, foi assassinado pelos agentes da PIDE Laranjeira, Coimbra e outros, no dia 4 de Julho de 1942.

A PIDE descobriu a terra da região de Espinho onde se refugiara da perseguição política e onde dava consultas. Conhecendo o prestígio de que gozava entre toda a população, que o defendia, a PIDE conseguiu chegar até ao nosso camarada utilizando o estratagemas duma doente que precisava de consultar o médico. Logo que foram introduzidos no consultório, os agentes dispararam sobre ele 14 tiros que lhe deram a morte. Tudo isto foi desmascarado depois numa farsa de julgamento em que os assassinos foram «absolvidos» pelos juizes salazaristas.

Ao assinalarmos o 20º aniversário deste crime apelamos para que todos os portugueses exijam o castigo dos assassinos da PIDE.

Castigo para os assassinos de José Dias Coelho!

A independência DA ARGÉLIA

A mais três Países da África foi reconhecida a independência: Argélia, Ruanda, Burundi (estes últimos antigas colónias Belgas).

A independência da Argélia é um acontecimento de grande significado político. É uma grande vitória do povo argelino, de todos os povos que lutam ou apoiam a luta contra o colonialismo. É uma grande derrota para os colonialistas franceses, para todos os imperialistas.

Ao heróico Partido Comunista Argelino que, como vanguarda da classe operária da Argélia, desempenhou na guerra pela independência uma acção de extraordinária importância, a todo o povo argelino que tão bravamente lutou durante mais de 7 anos, de armas na mão, contra os opressores e os fascistas franceses, dirigimos as nossas calorosas saudações. A luta e a grande vitória alcançada pelo povo argelino é mais uma prova de que o fim do colonialismo é uma necessidade histórica da época actual.

Salazar e os salazaristas não querem reconhecer essa realidade e com a sua política estão causando grandes males ao nosso povo e ao nosso país.

A França é um país muito mais poderoso que Portugal, a Argélia situa-se muito mais próxima da França que Angola de Portugal, a ocupação francesa na Argélia era dez vezes mais numerosa que a portuguesa em Angola. E inrelatado os colonialistas franceses foram obrigados a reconhecer, bem contra sua vontade, a independência ao povo argelino.

Os colonialistas portugueses também serão obrigados a reconhecer a independência de Angola e dos outros povos subjulgados, desde que o povo português aliando-se à luta dos povos coloniais, lute mais organizada e firmemente contra a guerra em Angola pelo regresso dos soldados expedicionários, pelo fim do fascismo em Portugal.

A Fortaleza de Peniche

A brutal realidade do regime prisional nas cadeias políticas salazaristas, ainda hoje desconhecida de muitos portugueses, deve ser amplamente desmascarada para que contra ela se levante uma luta enérgica de todo o povo.

Estão actualmente no Forte de Peniche perto duma centena de presos políticos submetidos a um regime celular dos mais severos do mundo. Encerrados em estreitas celas individuais onde não chega o som da vida, mergulhados no silêncio e na solidão, tendo por único horizonte as quatro paredes da cela, esses homens vêm escoar-se ano após ano uma vida inteira.

Numa dessas celas está envelhecendo MANUEL RODRIGUES DA SILVA, grande patriota que desde 1936 já passou 22 anos nas prisões salazaristas. Numa outra dessas celas encontra-se MANUEL GUEDES, antigo marinheiro, que faz este ano 16 anos de prisão. Noutra ainda está JOSÉ VITORIANO, operário corticeiro, com duas prisões e três condenações, que já cumpriu 13 anos de cadeia CARLOS COSTA, que de lá se evadiu em Janeiro de 1960, está agora aí encerrado em rigoroso isolamento; tem já oito anos de prisão.

Ao longo dos corredores húmidos da fortaleza, por detrás de cada porta chapeada há um patriota que espera a liberdade: AMÉRICO DE SOUSA, AFONSO GREGÓRIO, CARLOS ABOIM INGLÉS, CARLOS BRITO, ADOLFO RAMOS, (já com 3 anos de medidas) ORLANDO RAMOS, JOAQUIM CARREIRA, MARIO SENA LOPES, ANTONIO SANTO, JOSÉ ROLIM, JOÃO RAIMUNDO, JOAQUIM VELEZ, JOSÉ PACHECO, SEVERIANO FALCÃO, ANTONIO LIMA, LUIS NOGUEIRA, AGOSTINHO SABOGA, os advogados HUMBERTO LOPES e MANUEL DE ANDRADE e muitos outros, operários, camponeses e intelectuais, alguns dos mais destacados combatentes pela libertação do povo português.

Sob a orientação da PIDE, o regime prisional agrava-se de ano para ano. O chefe dos guardas, Vitor Ramos, cuida com fria eficiência nazista de tornar insuportável a vida aos presos; andou na guerra de Espanha e gosta de repetir que em sua opinião as cadeias se dispensavam bem... Treinados por ele, os guardas tornam-se perseguidores implacáveis dos presos, como é o caso de Pouppe, Ricardo, Serrado, Rosa, Louzada, etc..

AIJUEMOS OS PRESOS POLITICOS! LUTEMOS PELA SUA LIBERTACAO!
Esquer por todo o país um poderoso movimento Pró-Amnistia é uma das tarefas essenciais da luta anti-fascista no momento actual. Formemos por toda a parte comissões e grupos Pró-Amnistia! Organizemos um vasto movimento de solidariedade a cada preso político! Que acabe o inferno da Fortaleza de Peniche!

